

## *A Mesa da Palavra explicada . . . .*

*Padre Albino Reis*

### **Domingo XXIX do Tempo Comum**

**1ª leitura** - Is 53, 10-11

**Salmo** - Salmo 32 (33)

**2ª leitura** – Hebreus 4, 14-16

**Evangelho** - Marcos 10, 35-45

O mês de Outubro é também o mês missionário e hoje, penúltimo domingo do mês, celebra-se o Dia Mundial das Missões. Assim é desde 1926, por instituição do Papa Pio XI que introduziu esta celebração como o “Dia de Oração e Ofertas em favor da Evangelização dos Povos”, com o objectivo de “incentivar nas Igrejas locais a cooperação missionária”.

Há sempre uma razão para que as coisas sejam o que são. Neste caso, é porque o mês começa com a comemoração de Santa Teresinha do Menino Jesus, monja carmelita descalça, que curiosamente nunca abandonou o seu claustro mas, nos últimos dias de vida, se correspondeu com dois padres missionários, um deles enviado para o Canadá e outro para a China, acompanhando-os constantemente com as suas orações. Por esta razão, o Papa Pio XI, em 1927, quis associá-la a São Francisco Xavier como padroeiros das missões. Outra razão, tem a ver com a descoberta do continente americano, por Cristóvão Colombo, a 12 de Outubro de 1492, que marcou o início de uma nova etapa na história da evangelização, abrindo o continente americano à missão católica.

Na prática, este dia vem recordar-nos, a nós cristãos, que evangelizar não é um privilégio mas é uma obrigação com regras muito claras e que podemos encontrar na Palavra de Deus que escutamos neste XXIX Domingo Comum.

Continuamos a percorrer, com Jesus e com os seus discípulos, o caminho para Jerusalém. O Evangelista São Marcos observa que, nesta fase, Jesus vai à frente e os discípulos o seguem. Jesus continua a sua catequese e, mais uma vez, lembra aos discípulos que, em Jerusalém, será entregue nas mãos dos líderes judaicos e se cumprirá o seu destino de cruz. Durante esse caminho, Jesus vai completando a sua catequese sobre as condições necessárias para integrar a comunidade messiânica. O texto que nos é proposto demonstra que os discípulos continuam a raciocinar em termos de poder, de autoridade, de grandeza e vêem na proposta do Reino Messiânico a ser instaurado por Jesus a oportunidade de realizar os seus sonhos humanos.

Logo no início do evangelho é ressaltada a pretensão de Tiago e de João, filhos de Zebedeu que, apoiados pela mãe, reivindicam um lugar de honra no Reino que vai ser instaurado: um à direita e outro à esquerda de Jesus. “Mestre, queremos que faças por nós o que vamos pedir”. Eles parecem exigir esta honra: “Queremos”, dizem.

Diante desta manifestação de ambição, honrarias e privilégios, Jesus não se mostra de forma alguma condescendente, porque toda a ambição contraria os fundamentos da sua proposta. Jesus é severo: “Vós não sabeis o que pedis. Por acaso podeis beber o cálice que eu vou beber? Podeis ser baptizados com o baptismo com que vou ser baptizado?”. E para ajudá-los a superar a própria incompreensão, serve-se de duas figuras: a do cálice e a do baptismo.

O cálice é uma referência aos sofrimentos pelos quais Jesus teria que passar. Em sua agonia, antes de ser preso e morto, pediu ao Pai: “Pai, se for possível, afasta de mim este cálice”. Esta imagem do cálice aparece com frequência na Sagrada Escritura. O cálice indica o destino, favorável ou não de uma pessoa. Jesus está ciente que o aguarda um cálice de sofrimentos, um cálice do qual gostaria de ser poupado. Com esta imagem do cálice, Ele assegura aos dois discípulos a possibilidade de serem associados plenamente ao seu destino de sofrimento, mas sem garantir os desejados lugares de honra. A sua resposta é um convite a segui-lo pelo caminho do amor e do serviço, rejeitando a tentação mundana de querer sobressair perante os outros.

A imagem do baptismo tem o mesmo sentido: indica a passagem através das águas da morte. É uma referência ao mar de sofrimentos no qual Jesus será mergulhado. Os sofrimentos e as aflições que o justo deve suportar são comparados pela Bíblia a uma imersão em águas profundas ou à agitação de águas impetuosas. Evoca a imersão/participação na paixão e morte de Jesus.

Tiago e João imaginam que o Reino proposto por Jesus seria algo poderoso e glorioso e, por isto, desejam, desde logo, lugares de honra ao lado dele. O fato mostra como Tiago e João, mesmo depois de toda a catequese que receberam durante o caminho para Jerusalém, ainda não entenderam a lógica do Reino de Deus e ainda continuam a refletir e a sentir de acordo com a lógica do mundo.

Mas, a reação indignada dos outros discípulos à pretensão dos dois irmãos indica que todos eles tinham as mesmas pretensões e revela que, como Tiago e João, também estavam longe de ter assimilado o pensamento do Mestre.

Foi preciso que Jesus mostrasse qual deve ser a atitude dos seus discípulos, tendo a si mesmo como referência: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” . O ponto culminante dessa vida de doação e de serviço foi a morte na cruz, expressão máxima e total do seu amor.

Para fazer parte da comunidade do Reino de Deus é preciso, portanto, que os discípulos estejam dispostos a percorrer, com Jesus, o caminho do sofrimento que irá culminar com a morte.

Ao contrário do modelo dos governantes das nações e dos grandes do mundo que afirmam a sua autoridade absoluta, dominam os povos pela força e submetem-nos, exigem honras, privilégios e títulos, promovem-se à custa do povo, exercem o poder de uma forma arbitrária, o modelo de Jesus tem como referência a lei do amor e do serviço. Os seus discípulos devem sentir-se “servos” dos irmãos, dedicados em servir com humildade e simplicidade, sem qualquer pretensão de mandar ou de dominar. “Quem quiser ser o primeiro, será o último de todos e o servo de todos”. Para os seguidores de Cristo a única grandeza é a grandeza de quem, com humildade e simplicidade, faz da própria vida um serviço.

Convém aqui recordar que, quando Marcos escreveu o seu Evangelho, Tiago já teria dado a sua vida por Cristo, morrendo como mártir em Jerusalém e João pregava o Evangelho com coragem, convicção, entusiasmo e alegria, dando, assim, prova de que finalmente compreenderam o ensinamento do Mestre.

Também nós, tantas vezes tentados a procurar na Igreja oportunidades de poder e de prestígio, fugindo, como o diabo da cruz, ao sentido do serviço que aponta para a porta que leva à grandeza evangélica num itinerário de doação e de amor generoso, incondicional e universal aos irmãos mais necessitados, frágeis, idosos, doentes, marginalizados estamos sempre a tempo de ajustar as nossas vidas ao modelo de Jesus. Esse tempo é hoje, agora, porque no fim da MISSA (re)começa a MISSÃO...

Peçamos ao Senhor que nos faça colocar em prática o dom do serviço e da humildade e que sejamos bons e autênticos servidores do amor fraterno e da justiça, levando a todos, a esperança e a paz que trazem o Reino de Deus até nós.